

Roma, 17 de janeiro de 2015

A propósito dos recentes massacres acontecidos em Paris, na Nigéria e no Paquistão Declaração de Maria Voce, Presidente do Movimento dos Focolares

Depois dos homicídios acontecidos em Paris e das tragédias na Nigéria e no Paquistão, surge a pergunta se é necessário o diálogo entre pessoas de religiões e culturas diferentes. Eu tomo a liberdade de inverter a questão: pode-se viver sem diálogo em um mundo já globalizado? Em um planeta no qual, aos crescentes fluxos migratórios voluntários por motivos de trabalho ou outros, acrescentam-se inteiras populações forçadas a fugir das perseguições que estão acontecendo em vários pontos do mundo. Erradicadas da própria terra e do próprio futuro, encontram-se forçadas a conviver com pessoas de etnias, culturas, opiniões e credos diferentes.

Nos nossos países ocidentais torna-se urgente a pergunta: como se vive com estas pessoas? A resposta é clara: ou dialogamos ou haverá combate entre nós. Mas, o combate nos leva à destruição, tanto dos residentes quanto dos imigrantes. Ao invés, a abertura e o diálogo criam vida e conduzem à vida, porque o diálogo entre pessoas que professam credos diferentes gera sempre a construção de alguma coisa válida para o bem da sociedade na qual vivem e para a humanidade inteira, porque toda ação fundamenta-se no fato de poder reconhecer-nos irmãos. Eu tive a oportunidade de constatar isso nas viagens que fiz nos dramáticos ambientes do Oriente Médio, da África e da Ásia. O compromisso corajoso a favor do diálogo é vivido por crianças nas escolas, pelas famílias com os vizinhos, por muitas pessoas no ambiente de trabalho.

O diálogo mais eficaz é o que se fundamenta na vida, na partilha da existência cotidiana; não tem início por meio de uma imediata comparação de idéias, porque é indispensável iniciar pelo conhecimento do outro – e não pela religião do outro – para poder descobrir o vínculo de fraternidade que une todos os seres humanos. Sobre este fundamento pode-se introduzir a compreensão da fé do outro para poder respeitá-la sempre e completamente, de maneira que o diálogo resulte realmente construtivo e não se limite a uma convivência não beligerante que impede de construir, juntos, o futuro comum.

Somente neste diálogo se descobre que cada um tem algo a doar ao outro e constata-se que a diversidade não é necessariamente motivo de oposição, mas, pode ser motivo de enriquecimento recíproco. E, efetivamente, nós nos enriquecemos porque Deus é generoso e distribui os seus dons a todos os homens, a todos os credos aos quais pertencem. Descobrir isto nos torna todos mais ricos e, também, mais livres na relação recíproca.

Neste processo adquire especial importância o que o Papa Francisco manifesta com a palavra e com as suas atitudes, evidenciando a acolhida, a empatia, a escuta plena das razões do outro. O Papa sempre evidencia a amizade, convida a relacionar-se com os outros como irmãos e amigos, a sermos pessoas que sabem se compreender e sabem valorizar os bens que encontram uns nos outros.

Igualmente preciosa é a indicação do Papa para solidificar a nossa identidade cristã, de modo a preparar-nos a este diálogo, porque é verdade que podemos dialogar somente se somos profundamente e autenticamente cristãos. O nosso diálogo deve iniciar no ato de tomar conhecimento que todo encontro pode ser uma ocasião para poder doar ao outro os valores do nosso ser cristão, sem impô-los, mas, doá-los com delicadeza, conscientes de que constituem um tesouro do qual os outros também têm o direito de participar.

Eu constatei muitas vezes que, quando se dialoga, é possível individuar os temas comuns com os quais é possível encontrar soluções e começar iniciativas comuns. O essencial é o espírito com o qual nos colocamos diante das problemáticas. Se o espírito é reforçado por uma espiritualidade – isto é, por uma concepção da vida que emana de uma espiritualidade – conduz não somente a valorizar tudo o que existe de bem no outro, a descobrir os dons de Deus presentes em cada tradição religiosa, a evidenciá-los, mas, também, a fazer com que os mesmos desenvolvam. Portanto, um cristão ou um muçulmano são melhores seguindo o caminho do diálogo e descobrem que se desenvolvem juntos e que este progresso conduz a edificação de obras comuns, a começar pela paz, que proporciona benefícios para toda a humanidade.